



Fortalecimento da cadeia produtiva da pesca artesanal no Baixo Sul baiano

Tatiana Walter e John Wilkinson

Saveiros utilizados para pesca no mar

No litoral do Baixo Sul da Bahia, a pesca artesanal é em conjunto com a agricultura o principal meio de vida de aproximadamente 14 mil pescadores e marisqueiras distribuídos em 100 comunidades e bairros de nove dos municípios da região¹. A produção anual gira em torno de 15 mil toneladas de frutos do mar, sendo responsável por um montante de R\$ 78 milhões apenas na primeira comercialização. Para manutenção desta atividade, as famílias de pescadores capturam mais de sessenta espécies nos estuários, manguezais e no ambiente marítimo. O trabalho, que vai desde a captura da espécie até o tratamento realizado para seu beneficiamento e sua conservação, envolve toda a família e resulta em quatro produtos principais: pescados, catados, mariscos vivos e peixes secos. Cada um dos produtos abastece mercados distintos e estabelece uma complexa cadeia de relações sociais, sendo importante destacar que as famílias de pescadores artesanais constituem seu elo mais frágil (Walter, 2010).

Com vistas a conceber uma estratégia de desenvolvimento local e territorial para a região, foi implementado o projeto Centro Integrado da Pesca Artesanal (Cipar), por meio do convênio 073/08 entre o Instituto de Planejamento da Gestão Governamental (Iplan) e o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA). Seu objetivo era instituir uma política pública que se baseasse no planejamento participativo das estruturas e ações destinadas à cadeia produtiva, tendo como foco o protagonismo dos pescadores artesanais.

Este artigo visa arguir sobre a adoção do enfoque de Sistema Agroalimentar Localizado (Sial) nas atividades do projeto Cipar Baixo Sul que culminaram na implantação de estratégias que visam o fortalecimento dos mercados locais. Esse enfoque foi complementado com o aporte teórico da

Sociologia Econômica, que considera o mercado como parte das relações sociais.² Nessa perspectiva, assume-se que o mercado pode ser socialmente construído, a partir de um conjunto de estratégias e de acordos entre os atores sociais envolvidos no desenvolvimento da cadeia produtiva, permitindo assim que os próprios pescadores delineiem ativamente as intervenções necessárias à cadeia.

Tais enfoques são pouco utilizados em projetos destinados à gestão participativa da pesca e apresentam possibilidades interessantes para políticas públicas voltadas ao desenvolvimento da cadeia produtiva, a exemplo do próprio Cipar.

A adoção da concepção de Sial no planejamento participativo da cadeia produtiva dos frutos do mar

A noção de Sistema Agroalimentar Localizado (Sial) surge em 1996 no contexto de agravamento das crises das sociedades rurais e dos problemas ambientais e alimentares, tendo como definição:

Organizações de produção e serviços (unidades de produção agrícola, empresas agroalimentares, comerciais, de serviços, gastronômicas, etc.) associadas por suas características e funcionamento em um território específico. O meio, os produtos, as instituições, seu saber-fazer, seu comportamento alimentar, suas redes de relações se combinam em um território para produzir uma forma de alimentação agroalimentar em uma escala espacial dada (Muchnik, 2006).

O Sial busca compreender o funcionamento da cadeia produtiva tendo como foco o território, tanto em termos teóricos – compreender em que medida o território constitui um elemento significativo ou não para a organização e a dinâmica da cadeia estudada – como do ponto de vista operacional. Nessa concepção, o território serve de referência para a combinação de atividades diversificadas, para a organização dos produtores, para aumentar suas margens de manobra e melhorar sua posição na negociação e na governança da cadeia ou para a construção de circuitos comerciais alternativos, baseados em outra relação produtor-consumidor (Muchnik, Op. cit.).

Essa categoria de análise coloca em evidência dois aspectos relevantes sobre a pesca artesanal: o conhecimento tácito e a existência de recursos no território que podem ser valorizados na atividade econômica local. O espaço do Sial não

¹ São eles: Jaguaripe, Valença, Cairu, Nilo Peçanha, Taperoá, Ituberá, Igrapiúna, Camamu e Maraú.

² Maiores detalhes sobre a construção social dos mercados podem ser encontrados em Wilkinson (2008).

possui delimitação simplesmente geográfica já que é, antes de tudo, um espaço construído socialmente, marcado em termos culturais e regulado institucionalmente. Portanto, pode-se *localizar* um Sial na confluência do território com a cadeia de produção-distribuição-consumo do alimento de que se trata (Requier-Desjardins; Rodriguez, 2002).

No Projeto Cipar Baixo Sul, o planejamento da cadeia produtiva foi realizado de forma a concatenar os levantamentos técnicos com as demandas dos pescadores artesanais e marisqueiras, pautado em um processo pedagógico voltado ao protagonismo comunitário e à ação coletiva no horizonte da emancipação e da autonomia desses produtores.

Nesse sentido, tanto a análise técnica como as atividades de planejamento consideraram a existência de três cadeias produtivas no território a partir do conhecimento prévio da região, que sugeria que o fluxo de produção se distribui espacialmente em três áreas. Em cada uma delas, parte das comunidades se articula em torno de um dos polos pesqueiros, ou seja, com aqueles municípios melhor estruturados em termos de oferta de serviços: Camamu, Tapeiroá/Ituberá e Valença. Esse arranjo pode ser definido como três cadeias produtivas organizadas espacialmente, cada qual articulando a produção das comunidades pesqueiras direta ou indiretamente com a sede de um desses quatro municípios e abastecendo as localidades turísticas que também se vinculam a ela, dado a oferta de serviços.

Cada um dos conjuntos, envolvendo comunidades pesqueiras e turísticas e o respectivo polo pesqueiro, foi definido como um microssistema alimentar localizado (microSial). Tal proposição possibilitou uma melhor organização das atividades do projeto, uma vez que captou aspectos relacionados à dinâmica da cadeia produtiva de forma mais aprofundada do que se as análises fossem realizadas com base em um único sistema. Resultou também em um melhor planejamento das ações necessárias à estruturação da



Feira de secos em Camamu (BA), com ênfase para a comercialização de peixes secos



Mercado de Comercialização de Pescados em Valença (BA)

cadeia produtiva, em especial aquele relacionado às infraestruturas e à aceitação do projeto por parte dos pescadores artesanais, dado que a área de abrangência é muito grande e a perspectiva em torno de uma estrutura centralizada não atenderia toda a região, que é caracterizada pelo isolamento geográfico das comunidades.

Entretanto, essa forma de organização descentralizada coloca certas dificuldades. A primeira deve-se ao fato de algumas comunidades pesqueiras se relacionarem com mais de um sistema. Situação essa esperada no período do verão, quando a produção é destinada prioritariamente às localidades turísticas e àquelas comunidades que estão situadas no limite geográfico do microsistema. O segundo problema deve-se a alguns dos aspectos relevantes ao desenvolvimento da cadeia produtiva, em especial, o ambiente institucional, que extrapola o nível microrregional. Além disso, tornava-se bastante pertinente buscar reunir a análise e o planejamento da cadeia produtiva em um único sistema para que se pudessem estabelecer uma articulação política dos pescadores como um todo, com vistas à construção de uma identidade coletiva e do reconhecimento da categoria.

Para balancear as vantagens e as desvantagens da descentralização do Sial, foi desencadeado um processo de mobilização na maioria das comunidades pesqueiras e foram selecionados 120 participantes – entre pescadores, marisqueiras e lideranças – de 45 comunidades distintas. Os grupos, de em média 40 integrantes, foram divididos de acordo com o município de origem e sua relação com o município-polo, compondo os três microsistemas. Assim, Camamu, Maraú e Igrapiúna constituíram o MicroSial sul; Taperoá, Ituberá e Nilo



Canoas utilizadas para pesca nos estuários do Baixo Sul (BA)

Peçanha, o MicroSial centro; e Valença, Cairú e Jaguaripe compuseram o MicroSial norte.

A proposta de planejar a estruturação da cadeia produtiva em três microsistemas foi bem aceita pelos pescadores. Ao longo dos três ciclos de oficinas, realizadas entre agosto e dezembro de 2009, eles constituíram uma identidade de grupo – de acordo com o MicroSial –, que posteriormente se estendeu para todo o Baixo Sul. Já a partir das atividades conduzidas ao longo de 2010, puderam reconhecer que diversos aspectos associados ao seu desenvolvimento, e não apenas aqueles destinados à infraestrutura, são comuns a todo o território. Destaca-se que, até então, as lideranças e comunidades eram desarticuladas e não se reconheciam como integrantes de um único território, tampouco enquanto categoria.

Como fruto desse processo, foi definido um projeto por MicroSial, destinado à estruturação da cadeia produtiva e à construção de um plano de ação que articulasse o conjunto de atividades necessárias ao desenvolvimento do setor, assumindo que a melhoria das condições sociais e do ambiente são centrais à melhoria da cadeia produtiva. Além disso, foi instituído um movimento social que articula o conjunto de entidades de pesca do Baixo Sul, denominado Conselho Gestor do Cipar Baixo Sul. Esse movimento estabeleceu que a política pública do Cipar deve ser protagonizada pelas famílias de pescadores artesanais, organizadas em torno de suas comunidades e entidades representantes de classe.

Ademais, os participantes de cada MicroSial definiram estratégias de estruturação da cadeia produtiva na forma de projetos financiáveis pelo próprio MPA ou por outros orga-



Pesca de siri pelas mulheres do Baixo Sul (BA) para produção de catado

nismos, que visam à: i) comercialização direta dos produtos pelas famílias de pescadores, envolvendo suas entidades e ações em rede; ii) melhoria dos produtos e da comercialização nos mercados locais, formados por restaurantes, mercados públicos e moradores da região; iii) melhoria da renda das famílias por meio da conquista de novos mercados, em especial, os mercados institucionais, caracterizados por parcerias com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), e outros canais fora do Baixo Sul, desde que apoiados por estudos técnicos.

As diferenças entre microssistemas ocorrem principalmente no que diz respeito à localização das infraestruturas, bem como ao porte e à necessidade de reforma/recuperação ou aquisição de equipamentos. Em geral, são previstas estruturas maiores concatenadas a estruturas periféricas menores. Com base nesse planejamento e nos resultados obtidos na análise da cadeia produtiva, foram concebidas as estratégias de viabilidade, sendo que, na maior parte dos aspectos, são similares aos três microssistemas.

Dentre elas, três podem ser consideradas centrais:

O reconhecimento e a valorização da atividade pesqueira enquanto atividade familiar e artesanal

A partir do momento em que reconhecem a pesca extrativa realizada no Baixo Sul enquanto atividade artesanal e, principalmente, que envolve os diversos membros da família, pescadores e marisqueiras começam a demandar estratégias que valorizem esse tipo de processo produtivo. Esse reconhecimento é relevante para a divisão de tarefas, a participação da família nos diversos projetos a serem delineados e, especialmente, para a manutenção de parte das atividades no interior da residência, respeitando e valorizando o papel das mulheres.

A constituição de redes solidárias de cooperação e comercialização

A articulação entre as unidades produtivas familiares e suas entidades representativas nas diversas comunidades pesqueiras que compõem um MicroSial constitui uma rede solidária de cooperação e comercialização, sendo uma das principais estratégias definidas pelos três grupos com vistas à conquista da emancipação política e econômica. Dentre seus objetivos, está o de gerir as estruturas buscando ampliar a capacidade de assegurar seu uso coletivo e de enfrentar as adversidades impostas ao setor. Nesse sentido, as estruturas são planejadas de forma articulada entre as comunidades pesqueiras, as localidades turísticas e os municípios-polo, envolvendo estruturas maiores que agregam a produção de estruturas menores, descentralizadas.

Os três projetos preveem assessoria às entidades no campo, em relação aos aspectos normativos da comercialização (organizar a produção, pagar os pescadores, etc.), bem como em diversas capacitações destinadas a criar as habilidades necessárias para a gestão democrática dos empreendimentos e a administração da rede. A infraestrutura, por sua vez, deverá necessariamente estar associada à capacitação para sua gestão e ao apoio para articulação das entidades. Concomitantemente, os projetos contemplam a formação continuada com vistas à constituição de um movimento social que não se encerra na comercialização.

A valorização do mercado local

A produção de uma grande variedade de produtos pelas famílias de pescadores é considerada uma característica intrínseca da pesca artesanal e necessária à manutenção da biodiversidade e da renda ao longo do ano. A diversidade de produtos, em conjunto com a diversidade de estratégias de abastecimento do mercado local, tem sido valorizada nos três MicroSial. Não obstante, podemos apontar três tipos de mercados locais, para os quais as estratégias de valorização devem ser diferenciadas, mas encontram-se correlacionadas, já que, em qualquer um deles, deverá ser privilegiada a comercialização direta envolvendo as entidades de pesca e os pescadores organizados em rede.

O primeiro tipo de mercado local vem da atividade turística e envolve principalmente os restaurantes. Esse mercado é caracterizado pela aquisição de poucas espécies frente à diversidade local, por uma maior valorização dos produtos no período de verão – compreendido entre outubro e março – e por uma demanda superior à oferta. Para suprir suas necessidades, os restaurantes e peixarias da região adquirem peixes de 1ª e 2ª, camarão e polvos de outras regiões, oriundos de cadeias globais e, comumente, com qualidade inferior em termos de frescor, em discordância com o que deveria ser o principal atributo dos pratos servidos aos turistas.

A comercialização junto aos restaurantes perpassa duas estratégias complementares. A primeira delas é a con-



Comercialização de catados e peixes no Mercado Público em Ituberá (BA)



Oficina de planejamento da cadeia produtiva envolvendo os três MicroSial's: debate sobre a articulação entre as políticas públicas relacionadas à pesca artesanal na região

servação dos produtos atualmente valorizados cuja safra é no inverno, a exemplo do camarão e do vermelho.³ O ideal é que o armazenamento seja feito pelos próprios pescadores, uma vez que suas famílias não são favorecidas pela diferenciação de preços que ocorre em função do distanciamento entre o período de oferta e o de demanda. Para tanto, é necessário pensar em estruturas adequadas – câmaras frias – distribuídas em locais distintos ao longo do território. Mas a importância dessas estruturas de armazenamento não se restringe às espécies cujo período de pesca é diferenciado do período de maior demanda, podendo ser utilizadas para conservar qualquer produto comercializado fresco. É preciso, porém, considerar os custos que acarretam, embora a articulação dos pescadores em rede, bem como a maior participação do poder público local, tendam a aumentar a capacidade de sua manutenção.

Entretanto, há de se considerar também a dependência de grande parte das famílias de pescadores em relação aos atravessadores, o que dificulta a comercialização direta principalmente das pescarias realizadas no ambiente marinho, que demandam maiores montes, tais como o arrasto de camarão e a pesca de linha, responsáveis pela captura dos produtos destinados ao turismo. Para o camarão, faz-se necessário con-



Oficina de planejamento da cadeia produtiva do MicroSial norte envolvendo pescadores, marisqueiras e lideranças de Jaguaripe, Valença e Cairu

siderar ainda a diminuição da produtividade em virtude da sobrepesca, o que limita qualquer perspectiva de investimento. Apesar desses percalços, o resultado dessa equação deve ser favorável, uma vez que a experiência de comercialização de outras espécies e a melhoria da renda familiar reforçam o

³ Pescado de primeira qualidade.

processo de emancipação econômica das famílias, diminuindo a dependência dos atravessadores.

A segunda estratégia está ancorada na valorização de outros produtos pouco ou nada requisitados pelos restaurantes, a exemplo de catados, mariscos vivos, peixes secos e peixes de terceira qualidade, que também constituem a base da culinária local. Para tanto, sugere-se a realização de festivais gastronômicos com espécies pouco consumidas pelos turistas, principalmente nos períodos em que o turismo é menor. Os festivais devem necessariamente ser planejados com base no uso de espécies locais e na valorização da cultura local. Essa estratégia possibilita o consumo daquelas espécies cuja safra está dissociada da demanda, assim como resulta na formação de novos hábitos por parte dos consumidores e ainda promove uma melhoria do turismo naqueles períodos em que os estabelecimentos turísticos estão ociosos. Além disso, a perspectiva de utilização de frutos do mar produzidos localmente contribui para manter o padrão de qualidade defendido pelos restaurantes, uma vez que o pescado possui melhor sabor e apresenta melhores condições sanitárias. Tal estratégia está apoiada pela articulação junto ao poder público e ao setor turístico.

Outro mercado a ser valorizado é aquele ligado ao consumo dos moradores locais. No Baixo Sul, porém, todos os mercados públicos encontram-se em situação precária, com condições sanitárias inadequadas e não oferecem estrutura mínima à comercialização dos frutos do mar, tais como câmaras frias e fornecimento de gelo. Uma segunda forma de comercialização é ambulante, em pontos fixos ou de casa em casa, igualmente em condições impróprias.

A organização da comercialização e o envolvimento do poder público na adequação das estruturas já existentes estão entre as ações necessárias à valorização dos frutos do mar e da produção artesanal. Tal estratégia tem como objetivo a melhoria da qualidade dos produtos e a diminuição do desperdício, resultando também no aumento do consumo por parte da população local.

O terceiro mercado envolve parcerias com a Conab, com vistas a atender o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o da Merenda Escolar. Destaca-se aqui o acúmulo em termos de organização da colônia de pescadores de Taperoá, única entidade da região que possui parceria com essa instituição. Nesse caso, as estruturas de beneficiamento e armazenagem dotam as redes de capacidade para atender tais mercados. Essas estruturas são as mesmas utilizadas para os produtos que abastecem os restaurantes e para os que são comercializados junto aos moradores, promovendo maior racionalidade em torno dos investimentos a serem realizados.

Como resultado dessas três estratégias centrais tem-se a valorização de diversas espécies produzidas localmente (e não apenas daquelas até então mais conhecidas), o aumento do consumo na baixa estação

(tanto em função do turismo como da presença de mercados institucionais) e o aumento do preço.

Além da importância desse conjunto de estratégias destinadas à estruturação da cadeia produtiva como consequência do planejamento participativo, cumpre destacar que os maiores resultados obtidos foram a articulação de pescadores e marisqueiras e a construção de uma identidade de classe, necessária para a manutenção da luta por sua emancipação econômica, política e social. Assim, podemos apontar que o enfoque de Sistema Agroalimentar Localizado, associado à proposição da construção social do mercado e de um processo pedagógico crítico, foram centrais para a melhoria da qualidade de vida dessas populações.

Tatiana Walter

doutora em Ciências Sociais, integrante do Laboratório de Gerenciamento Costeiro, Instituto de Oceanografia da Universidade Federal do Rio Grande (Labgerco/Furg)
tatianawalter@gmail.com

John Wilkinson

PhD em Sociologia Econômica, professor do Centro de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ)
jwilkinson@uol.com.br

Referências bibliográficas:

AMBROSINI, L.B.; FILIPPI, E.E.; MIGUEL, L. de A. SIAL: análise da produção agroalimentar a partir de um enfoque territorialista e multidisciplinar. **Revista IDEAS**, v. 2, n. 1, p. 6-31, jan-jun 2008.

FUNDAÇÃO PROZEE/SEAP/IBAMA. **Monitoramento da atividade pesqueira no litoral do Brasil**. Relatório final. Brasília, 2006.

MUCHNIK, J. Sistemas agroalimentarios localizados: evolución del concepto y diversidad de situaciones. **III Congreso Internacional de la Red Sial "Alimentación y Territorios"**, 2006

REQUIER-DESJARDINS, D.; RODRIGUEZ, G. L'impact environnemental de l'agro-industrie de la panela: agriculture durable et système agroalimentaire localisé. In: **7ème Conférence de L'Association Internationale D'Economie Ecologique**, 2002, Sousse (Tunisia).

WALTER, T. **Novos usos e novos mercados: qual a sua influência na dinâmica da cadeia produtiva dos frutos do mar oriundos da pesca artesanal?** 2010. 343 f. Tese (Doutorado) – CPDA/UFRRJ, Rio de Janeiro.

WILKINSON, J. **Mercados, Redes e Valores**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008. 213 p.